



FORMAÇÃO CONTINUADA EM GINÁSTICA PARA TODOS(AS): DIÁLOGOS COM PROFESSORAS DE CRECHE

Michelle Guidi Gargantini Presta*
Eliana Ayoub**

RESUMO

Neste artigo, apresentamos o curso de formação continuada desenvolvido com professoras de creche da rede municipal de ensino de Monte Mor-SP, intitulado “Novas possibilidades de práticas corporais: ginástica para todos(as) na creche”, que faz parte de uma pesquisa de doutorado que tematiza a ginástica para todos(as) (GPT) na educação infantil. O curso objetivou desenvolver práticas corporais que valorizassem a expressão corporal como linguagem, a partir de vivências de GPT. Ao longo do processo, as professoras puderam experimentar e conhecer a GPT em diálogo com outras manifestações da cultura corporal, abrindo caminhos para a construção de novos olhares para a gestualidade, para o conhecimento do próprio corpo e para pensarmos em possibilidades de desenvolvimento dessa prática corporal na creche.

Palavras-chave: ginástica para todos(as); educação infantil; creche; formação continuada de professoras.

CONTINUING EDUCATION IN GYMNASTICS FOR ALL: DIALOGUES WITH NURSERY TEACHERS

ASBTRACT

In this article, we present the continuing education course developed with nursery teachers from the municipal education network of Monte Mor-SP, entitled “New possibilities for bodily practices: gymnastics for all at nursery”, which is part of a doctoral research on gymnastics for all (GPT) in early childhood education. The course aimed to develop bodily practices that valued corporal expression as language, based on experiences of GPT. Throughout the process, the teachers were able to experience and learn about GPT in dialogue with other manifestations of body culture, opening paths to build new perspectives on gesture, for knowledge of one's own body and to think about possibilities for developing this bodily practice in the nursery.

Keywords: gymnastics for all; early childhood education; nursery; continuing teacher education.

* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – FE – Unicamp. Professora Orientadora Pedagógica na Secretaria de Educação, Cultura e Turismo em Monte Mor-SP. E-mail: mipresta@hotmail.com

** Livre-docente na Área de Conhecimento e Linguagem pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – FE – Unicamp. Doutora em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – FEF – Unicamp. Professora Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: ayoub@unicamp.br

FORMACIÓN CONTINUA EN GIMNASIA PARA TODOS(AS): DIÁLOGOS CON PROFESORAS DE GUARDERÍA

RESUMEN

En este artículo, presentamos el curso de formación continua desarrollado con profesoras de guardería de la red de educación municipal de Monte Mor-SP, titulado “Nuevas posibilidades para las prácticas corporales: gimnasia para todos(as) en la guardería”, que forma parte de una investigación doctoral sobre la gimnasia para todos (GPT) en la educación infantil. El curso tuvo como objetivo desarrollar prácticas corporales que valorizan la expresión corporal como lenguaje, basadas en experiencias de GPT. A lo largo del proceso, las profesoras pudieron experimentar y aprender sobre la GPT en diálogo con otras manifestaciones de la cultura corporal, abriendo caminos para construir nuevas perspectivas sobre los gestos, para el conocimiento de sus propios cuerpos y para pensar en las posibilidades de desarrollar esta práctica corporal en la guardería.

Palabras clave: gimnasia para todos(as); educación infantil; guardería; formación continua de profesoras.

PALAVRAS INICIAIS

O presente artigo objetiva apresentar o curso de formação continuada intitulado “Novas possibilidades de práticas corporais: ginástica para todos(as) na creche”, o qual foi desenvolvido com professoras de creche da rede municipal de ensino de Monte Mor-SP. Esta proposta de formação faz parte de uma pesquisa de doutorado que tematiza a ginástica para todos(as) na educação infantil (PRESTA, 2021).

O município de Monte Mor-SP conta com aproximadamente 150 professoras de desenvolvimento infantil (PDIs), que atuam com as turmas de berçário e maternal, compreendendo a faixa etária de quatro meses a três anos de idade. A Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo (SMECT) já oferece anualmente alguns cursos de formação continuada no período noturno com emissão de certificado às(aos) aprovadas(os).

Tal proposta foi desenvolvida com professoras de creche dentro da política de formação continuada da rede municipal e ocorreu de abril a setembro de 2018 nas dependências de uma das escolas da rede. O material de divulgação foi organizado conforme orientação do Setor de Formação da SMECT e disparado via e-mail para as escolas. Foram realizados 10 encontros presenciais com duas horas de duração no período noturno com frequência quinzenal, que contabilizaram 20 horas de trabalho coletivo, mais dez horas de atividades não presenciais envolvendo leituras e registros individuais, totalizando 30 horas de formação, e contamos com a participação de 23 profissionais.

O objetivo primordial do curso foi desenvolver práticas corporais que valorizassem a expressão corporal como linguagem (COLETIVO DE AUTORES, 1992), a partir de vivências

de ginástica para todos(as) (GPT), com base na proposta de GPT do Grupo Ginástico Unicamp (GGU) (PAOLIELLO *et al.*, 2014; GRANER, PAOLIELLO, BORTOLETO, 2017; AYOUB, 2003), envolvendo jogos, atividades rítmicas, exploração de diferentes materiais e processos coletivos de criação. Um dos pontos dessa proposta consiste em ampliar o diálogo com diferentes temas da cultura corporal, como afirmam Graner, Paoliello e Bortoleto (2017, p. 175):

[...] a GPT configura-se abrindo um leque de possibilidades e acenando com a liberdade na escolha dos temas da cultura corporal, que compõem o patrimônio cultural da humanidade e que, portanto, podem ser acessados ou utilizados da forma que melhor se ajuste aos interesses e características do grupo.

E foi com essa liberdade de escolha que seguimos nossa caminhada de formação continuada com as professoras de creche, intencionando que elas pudessem experimentar diferentes possibilidades corporais, sem uma preocupação “aplicacionista” de levar essas propostas diretamente para as crianças. Desse modo, fomos buscando construir uma ginástica para todos(as) com elas e para elas. Ressaltamos, ainda, que a inclusão de “as” na terminologia ginástica para todos(as) vem sendo defendida por Ayoub (2021), sobretudo por conta dos trabalhos realizados majoritariamente com mulheres, como é o nosso caso.

Nesse sentido, pretendeu-se viver o processo junto com as professoras, não somente com um “olhar de fora da pesquisadora”, deixando o espaço aberto para o compartilhamento de experiências. A proposta de ensino da ginástica para todos(as) que sustentamos valoriza uma constante partilha de conhecimentos e saberes, permite reconstruir experiências e memórias do corpo que, quando compartilhadas, podem possibilitar um encontro com a expressão corporal como linguagem.

Assumimos como inspiração a perspectiva da pesquisa narrativa apresentada por Clandinin e Connelly (2015), a qual compõe o referencial teórico-metodológico da investigação. Para essa perspectiva, as experiências de todas as pessoas envolvidas na pesquisa são tomadas como importantes. Portanto, entendemos que foi fundamental conhecer e refletir a respeito das diversas experiências das professoras, a fim de podermos construir com elas outros olhares em torno das práticas corporais na creche.

Prado (2010) traz importantes considerações acerca da narrativa na formação docente, ao afirmar que:

[...] trabalhar com narrativas, em contextos de formação profissional inicial ou continuada, é afirmar a centralidade das experiências, a centralidade dos sujeitos narradores, a centralidade dos atos educativos e fazer valer as dimensões de autoria,

autonomia, legitimidade, beleza e pluralidades ético-estéticas dos discursos e práticas dos sujeitos – profissionais da educação.

Nessa perspectiva, incentivamos as participantes a narrar suas experiências, tanto durante nossos encontros presenciais, como em seus cadernos de registro individuais, nos quais elas foram convidadas a contar suas reflexões e percepções em relação às propostas vivenciadas no curso em interlocução com as suas experiências docentes. Narrar as experiências vividas pode nos auxiliar a compreender os múltiplos aprendizados desse processo de formação compartilhado entre nós, provocando-nos a pensar nas transformações que foram produzidas nesse contexto formativo.

Destacamos, ainda, que a escolha pelo termo encontro no desenvolvimento do curso teve como intenção fortalecer a perspectiva dialógica de sua proposta, que consistia em torná-lo leve, com momentos para se conhecer, conhecer o outro e conhecer a ginástica para todos(as). Não um encontro casual, desprezioso, e sim, um encontro marcado, esperado, almejado, um encontro de mundos, aberto a novas possibilidades, a mudanças de olhares... Encontros que, por meio de vivências corporais, imagens e discussões, pudessem nos levar a experimentar a potência do corpo e da gestualidade e a refletir a respeito dos diálogos que um curso de formação continuada em GPT pode possibilitar.

A seguir, vamos narrar algumas propostas desenvolvidas durante os dez encontros presenciais realizados durante a formação continuada.

O DESENVOLVIMENTO DOS ENCONTROS DE FORMAÇÃO CONTINUADA

No primeiro encontro, foram apresentadas inicialmente as orientações gerais do curso. Em seguida, foi proposta a escrita de uma carta com a intenção de conhecer o grupo e suas expectativas em relação ao curso, cujo tema era: “O que te trouxe aqui?”. Após essa escrita, as professoras comentaram, de maneira breve, que estavam ali pela necessidade de se aprimorar, de viver experiências novas, de inovar, como parte de uma responsabilidade profissional docente.

Esses saberes apontados pelas professoras como elementos que as trouxeram para o curso remetem à afirmação feita por Nóvoa (2009) de que “O registro das práticas, a relação sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais do aperfeiçoamento e a inovação” (NÓVOA, 2009, p. 30). O mesmo autor ressalta que “[...] é importante estimular, junto dos futuros professores e nos primeiros anos de exercício profissional, práticas de auto-formação,

momentos que permitam a construção de narrativas sobre suas próprias histórias de vida pessoal e profissional” (NÓVOA, 2009, p. 39). Esse foi um dos desafios que assumimos no curso.

Foi igualmente pontuado na escrita das professoras que a “área de movimento”¹ está muito presente na rotina da creche, porém elas mencionaram que têm dificuldade de buscar e de propor novas atividades relacionadas a essa área.

Logo após essa atividade, fomos para o pátio da escola realizar algumas práticas corporais, como caminhar livremente pelo espaço e no ritmo de diferentes músicas relativas à Música Popular Brasileira (MPB). A dinâmica correu bem e com boa participação, algumas se soltaram e arriscaram movimentações mais amplas para caminhar em diálogo com o ritmo musical proposto. Naquele momento, pudemos observar que as professoras trouxeram suas experiências corporais anteriores, pela maneira como se expressavam, demonstrando familiaridade com a gestualidade muitas vezes utilizada na MPB. Strazzacappa (2017, p. 324) diz que temos “Um corpo pleno de lembranças, memórias, vestígios. Um corpo provido de sentimentos e de sensações. Um corpo repleto de coisas a dizer, histórias a contar”. Isso ficou bem claro nessa experiência.

No segundo encontro, novamente ao som de MPB, experimentamos a elaboração de uma teia com barbante, de modo que cruzassem o ambiente do pátio movimentando-se nos níveis alto, médio e baixo. As professoras foram desafiadas a passar e explorar corporalmente os vãos entre a teia, experimentando gestos nos diferentes níveis com diversas possibilidades corporais. O encontro teve continuidade com um momento de espreguiçar e torcer o corpo com os olhos fechados, primeiro deitadas e depois levantando, mudando os níveis até chegar à posição em pé. Como princípio do processo coletivo de criação de composições coreográficas, e com a intenção de mostrar a elas como os gestos simples podem ser potentes, solicitamos que formassem duplas. A proposta era a de que cada uma escolhesse uma frase gestual que surgiu do espreguiçar, mostrasse para a colega da dupla e, dentre essas duas possibilidades, elaborassem em conjunto algo simples e breve para apresentar ao grupo posteriormente. Conforme orientam Graner, Paoliello e Bortoleto (2017, p. 180):

Com base em sugestões iniciais relacionadas aos conteúdos da GPT, os integrantes são incentivados a realizar uma exploração/pesquisa de movimentos corporais e a trocar ideias entre si, em diversas formas de organização grupal (duplas, trios, quartetos, quintetos, octetos etc.), realizando uma pequena composição.

¹ A terminologia “área de movimento” é utilizada nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil do Município de Monte Mor (elaborado pelos educadores em 2010), que traz alguns conteúdos e conceitos organizados por área e por faixa etária (MONTE MOR, 2005-2010).

No momento de demonstrar para o grupo, propusemos rodadas de apresentação das composições, sendo que, a cada rodada, tínhamos algumas duplas apresentando sua composição simultaneamente (e não uma dupla sozinha de cada vez). Essa estratégia foi pensada, pois, como era a primeira vez que iriam mostrar uma composição, pensamos que, dessa maneira, seria mais tranquilo para elas, pois não ficariam demasiadamente expostas. As criações foram simples, como era a proposta, e pudemos perceber pelos comentários e sorrisos que elas gostaram de fazer.

As vivências corporais do terceiro encontro englobaram a escuta do corpo, da respiração, das batidas do coração, da contração e do relaxamento da musculatura, bem como uma exploração gestual com corda, que é um aparelho comumente encontrado em várias escolas ou é de fácil acesso. Fizemos algumas variações ao passar e/ou pular a corda, como por exemplo: só passando por baixo; pulando uma vez, duas, três etc. Vivenciaram, igualmente, essas possibilidades em duplas, trios e quartetos.

Sobre essa vivência com o pular corda, pudemos ouvir vários comentários das professoras relacionados com as suas memórias das brincadeiras da infância, as quais vieram à tona com muita potência e foram relatadas pelas professoras como momentos felizes dessa fase da vida.

Ao som de MPB, a proposta seguinte foi caminhar e bater palmas, até que conseguíssemos sincronizar nossa gestualidade com o ritmo da música. Em seguida, partimos para explorar algumas formações grupais como sombra, espelho, irmãos siameses e cardume. Essas formações grupais e algumas de suas variações são apresentadas por Pérez Gallardo (1993).

Como parte do processo de composição coreográfica, solicitamos que as professoras retomassem as duplas do encontro anterior e dessem continuidade à sequência de gestos acrescentando as experiências desse dia. As composições ficaram bem interessantes, a qualidade dos gestos se mostrou na diversidade apresentada pelas professoras e no envolvimento com a proposta, e novamente tiveram a oportunidade de assistir à composição das colegas.

Pensando no valor da experiência e nas relações entre corpo, linguagem e educação, (conforme Ayoub 2012 e 2021), nesse quarto encontro realizamos uma proposta de criação a partir de um poema. Compartilhamos o poema “Apneia” de Paulo Emílio Azevedo (2017). Fomos para a sala da escola, que tinha tatames, e solicitamos que as professoras deitassem de uma maneira confortável. Iniciamos com um áudio do poema declamado pela pesquisadora e, após ouvirem algumas vezes, as professoras foram convidadas a escolher

um trecho, uma frase, uma palavra ou um conceito para dialogar por meio de gestos com o poema, criando uma frase gestual, indo ao encontro do que afirma Ayoub (2012, p. 279): “Gesto e palavra, palavra e gesto, juntos, imbricados”. Para facilitar esse processo, como dissemos anteriormente, as professoras puderam ouvir várias vezes o áudio com o poema durante a elaboração da sua frase gestual. Ao terminar sua criação, cada professora a apresentou às demais e, em seguida, formamos dois grandes grupos para compartilhamento das frases. Como valorização do processo criativo e das múltiplas relações que surgem dele, as frases gestuais viraram composições coreográficas dos grupos que, ao serem apresentadas para todas, surpreenderam-nos pela qualidade e pela sensibilidade das criações.

No quinto e no sexto encontros, as professoras experimentaram alguns elementos gímnicos tais como: salto estendido, carpado e grupado; giro inteiro e meio giro na vertical; avião, vela e a ponte; parada de mãos e de cabeça; e rolamento. Experimentamos a aterrissagem do salto vertical com os dois pés e com um pé, além do giro e do meio giro na vertical. Essa estratégia possibilitou o uso da música como propulsora do ritmo dado ao grupo, uma vez que utilizamos o andamento básico da música para coreografar os gestos feitos na diagonal.

Utilizamos alguns materiais como colchões, rampa de espuma, galão de água, bola grande e carretel gigante. Nesse momento, as professoras demonstraram bastante insegurança e resistência para experimentar os diferentes gestos e, aos poucos, fomos construindo e vivenciando as propostas, inclusive com elas se ajudando. Durante esse momento, fomos conversando sobre a técnica dos gestos e as professoras conseguiram perceber que poderiam sim vivenciar os elementos gímnicos.

Iniciamos a vivência do rolamento com a pergunta: quando vocês pensam no ato de rolar, o que vem à memória? E, com base nas respostas, fomos encontrando algumas formas de rolar, como “croquete na areia” e “tatu bolinha”. Nessas primeiras experimentações, a maioria das professoras se prontificou a fazer e, conforme as ideias apareciam, íamos fazendo livremente. Propusemos que observassem alguns materiais que tínhamos na escola e que poderiam auxiliar no ato de rolar, como, por exemplo: uma rampa de espuma, um galão de água, uma bola grande e um carretel gigante. Aos poucos, fomos construindo e vivenciando os gestos. Ora fomos sugerindo algo que não tinha aparecido; ora elas lembravam de uma brincadeira da infância ou algo que já tinham realizado com as crianças na escola dentro desse universo do rolamento. Comentamos com elas sobre a importância de conhecer e de experimentar a técnica do rolamento, pois isso pode trazer mais segurança

e autonomia no momento de fazer. Poucas professoras ousaram experimentar e realizar o rolamento para frente, a maioria preferiu somente ajudar as colegas e/ou observar. Logo após, fizemos também alguns elementos ginásticos como: avião, vela e ponte.

Ao longo da aula, foi diminuindo consideravelmente a participação e a disponibilidade corporal para realizar as tentativas, uma vez que a vela e a ponte foram executadas no chão, o que acabava sendo um empecilho. Algumas professoras falaram que iriam experimentar em casa, pois estavam com vergonha de tentar diante do grupo.

Para o sétimo encontro, foi preparada uma oficina intitulada “Ginástica para Todos e para Todas – diálogos na formação docente”, ministrada pelas professoras convidadas Eliana Ayoub e Larissa Graner, com ênfase na proposta do GGU, do qual a professora Larissa foi coordenadora por mais de 10 anos. As professoras convidadas propuseram que as participantes explorassem alguns fundamentos da ginástica relacionados a equilíbrios, saltos e rolamentos, utilizando caixas de papelão de variados tamanhos e formatos como material constitutivo do processo de criação gestual. A exploração gímnica com as caixas de papelão envolveu as seguintes propostas: caminhar livremente ao som da música experimentando diferentes formas de segurar a caixa; explorar os sons que o material pode produzir; equilibrar a caixa em diferentes partes do corpo e fazer a brincadeira da “estátua” – quando a música parar, fazer poses em diferentes apoios (ex: com um pé, com as mãos no chão, com a barriga no chão, com os joelhos etc.); brincar com a caixa, imaginando outras funcionalidades (ex: sapato, carrinho, trem, mala, cachecol etc.); movimentar-se com o material, explorando os diferentes níveis (alto, médio e baixo); saltar com a caixa e sobre a caixa; rolar o corpo com a caixa e rolar a caixa; explorar formações em grupo (em “x”, em “v”, círculo, linha, cardume, meia-lua etc.); escolher alguns gestos explorados que mais gostaram e elaborar uma sequência com três gestos diferentes; em duplas, aprender a sequência uma da outra; em quartetos, aprender todas as sequências e elaborar uma composição coreográfica com as caixas.

A alegria das professoras transpareceu nos sorrisos e na empolgação, na disponibilidade em ir para o chão para equilibrar as caixas, mostrando entrega para a prática da GPT naquele momento. Experimentar o processo de criação com aquele material tão simples mostrou, ainda, a simplicidade que o trabalho na creche pode ter, pois o que iria para descarte foi transformado e explorado criativamente. Isso vai ao encontro do que defendem Ayoub e Graner (2013, p. 29): “[...] um trabalho com a GG² no qual os sujeitos participantes sejam convocados a agir e produzir sentidos e significados outros para além daqueles que já estão dados”.

² As autoras utilizam a denominação ginástica geral (GG), que se refere à GPT.

A proposta do oitavo encontro foi possibilitar uma vivência de uma prática circense, o malabarismo, em diálogo com a ginástica para todos(as). O professor convidado Daniel Lopes nos conduziu nesse momento, utilizando lenços de tule e bolinhas de painço com bexiga para que as professoras experimentassem o malabarismo.

A primeira experiência foi com o lenço de tule no tamanho de 60 X 60 cm. Numa grande roda, as professoras foram convidadas a experimentar os seguintes movimentos: lançar e recuperar o lenço segurando com os dedos em formato de pinça; uma mão segura o lenço e a outra toca a orelha, lançar e inverter a posição das mãos; idem ao anterior, agora tocando o nariz; lançar o lenço, bater uma palma e recuperar; idem ao anterior, agora batendo três palmas; tentar com o maior número de palmas; lançar o lenço, bater uma palma na frente, uma palma atrás, girar e pegar; lançar o lenço, bater uma palma embaixo da perna, na outra perna, girar e pegar; em círculo: utilizando a música “Escravos de Jó”, realizar movimentos propostos pela música; em duplas: lançar o lenço e correr para pegar o lenço da colega; lançar o lenço, vai até o meio bater palma e voltar para pegar o lenço; inventar alguns movimentos; cada uma com dois lenços de cores diferentes: lançar os dois lenços em movimento de X (cruzado) – lançar um, espera quase chegar na outra mão para lançar o outro lenço; experimentar com três lenços, cruzar um, cruzar dois e cruzar três, um lenço sempre fica no ar.

Como o lenço tem um tempo de queda menor que as bolinhas (comumente usadas no malabarismo), as professoras conseguiram fazer as propostas e, ao ouvirmos alguns comentários, pudemos perceber a satisfação em realizar algo que parecia tão difícil e inatingível.

Como continuidade, partimos para as vivências com as bolinhas de painço. Elas experimentaram equilibrar a bolinha em diferentes partes do corpo, cabeça, mãos etc.; andar pelo espaço equilibrando a bolinha na mão e tentar derrubar com o quadril a bolinha da colega; em dupla, lançar a bolinha uma para a outra e depois as duas ao mesmo tempo; tentar com três bolinhas, seguindo as orientações de não jogar baixo, de manter a palma da mão virada para cima e de jogar alto, pois quanto mais alto atingir a bolinha, mais tempo se tem para executar a troca de bolinhas.

O grupo participou bem e fez todas as atividades propostas. Não observamos resistência em experimentar os gestos, mesmo sabendo da dificuldade que a maioria das professoras demonstrou ao tentar realizá-los. Foi entregue às professoras um material impresso contendo o passo a passo de como fazer o lenço de tule e as bolinhas de painço.

No nono encontro, foram vivenciados elementos de ginástica rítmica, utilizando alguns aparelhos como o arco (conhecido por elas como bambolê), a bola, a corda, as maçãs

e a fita, que são materiais que estão presentes nas escolas do município. Experimentamos as seguintes propostas: rotações do corpo com os aparelhos e dos aparelhos em diferentes planos (lateral, frontal e transversal), oitos, circunduções, lançamentos etc. Como não foi possível conseguir um material para cada professora, utilizamos a estratégia do rodízio para que todas pudessem experimentar.

A vivência com os materiais foi bem tranquila e divertida. Fomos passando por algumas propostas de manejo, como mencionamos acima, experimentando rotações do corpo com o aparelho e rotações do aparelho em diferentes planos. A fita, em particular, despertou muito o interesse das professoras em trabalhar com as crianças. Essa observação apareceu frequentemente nos comentários delas durante as experimentações. As maçãs e a bola despertaram menos a atenção das professoras, talvez pela dificuldade de manipulação, que requer mais conhecimento técnico e prática. Quando perguntamos se conheciam a ginástica rítmica, a maioria demonstrou ter alguma noção a respeito, remetendo-se à televisão, principalmente por conta das olimpíadas.

Não tínhamos a pretensão de propor vivências totalmente inusitadas, nunca vistas ou experimentadas pelas professoras, mas sim, por meio das vivências relacionadas à GPT, refletir sobre novas possibilidades. As professoras conheciam o bambolê, por exemplo, comentaram que já tinham proposto brincadeiras para as crianças com esse material, no entanto, após esse encontro, verbalizaram que aprenderam outras maneiras de explorar gestualmente esse material.

Para o décimo encontro, escolhemos fazer uma roda de conversa com o objetivo de oportunizar às participantes do curso um momento de reflexão e diálogo, agora de forma ainda mais intensa e especial, para que pudessem se olhar e falar sobre as experiências vividas ao longo desses encontros. Iniciamos com a pergunta: “Como foi o curso para você?” E, aos poucos, mesmo sem ter uma obrigatoriedade de se expressar, todas as professoras quiseram narrar suas impressões sobre o processo vivido.

PALAVRAS FINAIS

Em nossas palavras finais, compartilhamos algumas reflexões suscitadas no decorrer do percurso formativo e na roda de conversa final.

Apesar de não ser o foco central do curso, conforme mencionamos anteriormente, algumas discussões acerca das práticas corporais que poderiam ser desenvolvidas com as crianças pequenas apareceram de forma marcante nas falas das professoras. Acolhemos

essas manifestações com interesse e seguimos nossa caminhada de construção de uma ginástica para todos(as) com elas e para elas. E, nessa jornada, vimos as professoras se entregando às peripécias com o corpo que a GPT pode proporcionar, ora de forma mais intensa, ora de maneira mais contida.

Em suas falas, encontramos indícios, como nos ensina Ginzburg (1989), do quanto essas experiências podem tirá-las da zona de conforto, do eixo, inclusive literalmente, como aconteceu no caso do rolamento, que desestabilizou muitas delas, só de ouvir a palavra, imaginem então a possibilidade de se vivenciar esse gesto. Por conta disso, propusemos um trabalho com as professoras que propiciasse novos aprendizados, não com o objetivo de apagar eventuais memórias desagradáveis, pois elas são constitutivas do ser humano, mas com a intenção de criar espaços-tempos formativos que pudessem talvez gerar reflexões acerca dessa temática em direção à elaboração de outros sentidos. Aprender a técnica do rolamento, por exemplo, e vivenciá-la de várias formas e com diferentes materiais, proporcionou a algumas professoras o enfrentamento de dificuldades em relação ao corpo e à gestualidade, trazendo novas possibilidades corporais.

Outro aspecto relevante mencionado pelas professoras foi que algumas delas experimentaram os elementos gímnicos em casa, pois sentiram vergonha de tentar fazê-los diante do grupo. Esse sentimento de insegurança em realizar determinados gestos surgiu em vários momentos, principalmente nos primeiros encontros. A ideia de não querer errar esteve presente na expressão verbal e corporal das professoras. Tentamos, durante nossos diálogos, expor essas questões, auxiliando-as a vivenciar e a experimentarem-se corporalmente, buscando construir com elas um contexto em que a visibilidade do corpo pudesse ser acolhida com respeito à diversidade de corpos e de suas gestualidades, conforme explicita Ayoub (2021).

Também nos chamou a atenção, o entusiasmo das professoras com a proposta envolvendo as caixas de papelão. Ficamos surpresas com a participação delas, as quais se admiraram com as possibilidades de exploração gestual com esse material descartável, que pode ser utilizado de forma lúdica numa prática corporal. A diversidade de materiais que podem ser utilizados na GPT é um dos aspectos relevantes da proposta do GGU, na qual nos apoiamos em nosso trabalho com as professoras.

As marcas desse processo formativo revelam, em consonância com a afirmação de Paulo Freire (1997, p. 25), que “É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Portanto, não foram somente

as professoras que conheceram a GPT por meio do curso, mas nós também conhecemos mais de GPT durante o curso em diálogo com as professoras, indo ao encontro do que Matsumoto e Ayoub (2016, p. 109) afirmam: “Nesse sentido, construir uma proposta de ginástica geral **para todos**, significa construir uma proposta **com todos**, em meio a confrontos, tensões e acordos, em que cada sujeito participante do processo educativo possa expressar e acolher os conhecimentos, anseios, necessidades e sentimentos de circulação”.

Por fim, destacamos que enfrentamos conjuntamente importantes desafios, tanto para as professoras, que tiveram de se disponibilizar corporalmente em todo o processo, quanto para as formadoras, que entraram por completo num instigante movimento de diálogo e de escuta. Desse modo, consideramos que, com essa proposta de formação continuada em ginástica para todos(as), pudemos abrir caminhos para a construção de novos olhares para a gestualidade, para o conhecimento do próprio corpo e para pensarmos em possibilidades para o desenvolvimento dessa prática corporal na creche.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYOUB, Eliana. **Ginástica Geral e educação física escolar**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- AYOUB, Eliana. Gestos, cartas, experiências compartilhadas. **Leitura: Teoria & Prática** (suplemento), Associação de Leitura do Brasil, Campinas, SP, n. 58, p. 274-283, jun. 2012.
- AYOUB, Eliana. **Memórias da educação física na escola**: cartas de professoras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- AYOUB, Eliana; GRANER, Larissa. Transformando o poema em gesto, corda em estrela, conduíte em flor. In: TOLEDO, Eliana; SILVA, Paula Cristina da Costa (orgs). **Democratizando o ensino da ginástica**: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.
- AZEVEDO, Paulo Emílio. **Depois dos vinte, prometo escrever o romance e me chamar Machado de Azevedo**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.
- CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. 2. ed. rev. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp – potencializando as interações humanas. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth (Orgs.). **Ginástica para Todos**: um encontro com a coletividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017. p. 165-198.
- MATSUMOTO, Marina H.; AYOUB, Eliana. Ginástica Geral na escola: uma proposta para todos. In: MIRANDA, Rita de Cássia F.; EHRENBERG, Mônica C.; BRATIFISCHE, Sandra Ap.(orgs); **Temas Emergentes em ginástica para todos**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.

MONTE MOR. **Diretrizes Curriculares de Educação Infantil**. Monte Mor, SP: Secretaria Municipal de Educação, Esportes, Cultura e Turismo/SME-EI, 2005-2010.

NÓVOA, António. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa/Portugal: Educa, 2009.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de; AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; GRANER, Larissa. **Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio. Proposta de uma linha de ginástica para a Educação Física escolar. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. (Org.). **Educação Física escolar: ser... ou não ter?** Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 117-136.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. Alguns apontamentos sobre formação, experiência, narrativa na formação docente em diálogo com algumas ideias bakhtinianas. Textos Círculo 2010 Disponível em: <http://textosgege.blogspot.com/2010/09/alguns-apontamentos-sobre-formacao.html>. Acesso em: 18 mai 2020.

PRESTA, Michelle Guidi Gargantini. **A ginástica para todos(as) na formação continuada de professoras de creche: diálogos possíveis**. 2021. 161f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

STRAZZACAPPA, Márcia. Das memórias inscritas no corpo. In: TAVARES, Enéias F.; BIANCALANA, Gisela R.; MAGNO, Mariane (orgs). **Discursos do corpo na arte**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.